



Criação de peixes: apenas um negócio?

Foto: Samia Malas



Conheça a história de um hobbysta e criador de *killiefishes* que é apaixonado por seus peixes

Por Samia Malas

Os *killiefishes* são peixes de água doce cobiçados entre os hobbystas, por suas belas cores e boa adaptação em aquários, além de fácil manejo. No entanto, são peixes caros e difíceis de se encontrar no mercado. Muitos criadores reproduzem estes peixes, mas sem intenção de venda. Como é o caso de José Teixeira Filho, professor universitário na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e hobbysta desde seus 16 anos. O criador até vendeu um peixinho ou dois, mas

o objetivo maior de sua criação é o conhecimento. “Se vendesse meus peixes seria para melhorar as instalações dos tanques e estufas, além de financiar o próprio hobby, mas não para transformar minha criação em um negócio”, explica.

Primeiro contato com o hobby

Zé, como é chamado pelos mais íntimos, conheceu o hobby através de seu pai, que mantinha um aquário de água doce na casa em que viviam, na cidade de São Paulo-SP. O aquarista confessa que cuidava e mantinha o aquário de seu pai apenas por pura falta do que fazer. No entanto, o que começou como uma simples ocupação, se tornou um hobby. “Comecei coletando guarus, que foram introduzidos no Brasil para combater a febre amarela, pois estes peixes se alimentam das larvas do mosquito. Eles eram colocados nas valas de esgoto e em águas fluviais”, lembra José, que apesar das tentativas de manter os “guaruzinhos” no aquário, eles morriam em apenas algumas semanas. Naquela época, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo aquarista era a falta de infor-

José Teixeira Filho e um de seus cães, o Olivier
Foto: Samia Malas



“O governo brasileiro precisa entender que a prática de um hobby é uma importante formação educacional, pois a educação não se faz somente entre paredes, em sala de aula”

mação. A internet ainda não era acessível, revistas especializadas não existiam e ninguém do bairro onde ele morava, a Vila Maria, tinha interesse pelo hobby. Assim, o jeito foi desenvolver seus conhecimentos de forma empírica. Por volta de seus 20 anos, já mais velho, Zé se dedica a outros peixes e experiências, como, por exemplo, uma espécie de peixe

bem popular em São Paulo, os kinguios, que o aquarista também introduziu em seu aquário. No entanto, sua paixão e interesse pela criação se intensifica em 1991, quando foi fazer seu doutorado em Montpellier, no sul da França, sobre “Gestão de recursos hídricos”.

Hobby: uma questão de educação

Zé morou quatro anos e meio em Montpellier e foi na própria universidade que conheceu o clube “Killiefish de France”, formado por aquaristas apaixonados pelos pequenos *killies*. “Montávamos projetos anuais de aquários temáticos que eram instalados nas salas de aula, bibliotecas, etc., e mantidos por nós, mas com o apoio da universidade. Aliás, o incentivo de hobbies na França é muito grande, seja ele qual for”, comenta o hobbysta, que critica a falta de incentivo ao hobby no Brasil. “O governo brasileiro precisa entender que a prática de um hobby é uma importante formação educacional, pois a educação não se faz somente em sala de aula. É preciso valorizar a educação informal no Brasil”, desabafa.

Além disso, o hobby também foi uma forma de se integrar e fazer amigos na França. “No mestrado o clima de concorrência era enorme, pois apenas 3 ou 4 teriam vagas para o doutorado. No hobby, as pessoas se reuniam

com um objetivo em comum e isto fazia com que criássemos vínculos de amizade; por afinidade mesmo”, completa.

Criador incondicional

A rotina do criador começa bem cedo, às 6h00 da manhã, quando passa nas estufas para alimentar seus peixes e ver se está tudo sob controle. Durante o dia, cumpre suas funções junto à universidade em que leciona, sendo que aos finais de semana é que Zé tem mais tempo para se dedicar aos peixes. “Consegui diminuir o tempo que gastava com o operacional dos aquários com um mecanismo que troca a água dos tanques quase que automaticamente”, revela.

Zé conta que se interessou pelo *killie* por seu comportamento interessante, bem como a facilidade de reproduzir o seu ambiente natural. Como são peixes que vivem em poças de água em climas do semiárido, tanto brasileiro quanto africano, estão acostumados aos pequenos ambientes.



Killies jovens permanecem em aquários separados
No destaque: Os *killiefishes* machos são mais coloridos que as fêmeas
Foto: Samia Malas

Aquário de *killies* com lã impregnada de ovos do peixe
 No detalhe: Lã impregnada com os ovos dos peixes
 Fotos: Samia Malas



“Peixes que vivem em cardumes, ou seja, de comportamento coletivo, são muito mais difíceis de serem criados”, explica. Zé tem preferência pelos *killies* africanos por serem mais coloridos e todos os seus exemplares foram adquiridos em lojas especializadas em aquarismo. Com 300 aquários e duas estufas, uma com área de 13x6m² e outra com 13x5m², instaladas na chácara em que vive em Campinas-SP, Zé conta que o investimento anual que tem com os peixes gira em torno de 6 mil reais por ano. Segundo ele, o segmento do hobby que mais se desenvolveu no Brasil é o de alimentação. “Antigamente alimentava meus peixes com pão velho, hoje em dia temos muitos preparados e complementos nutricionais de qualidade”, completa. Mesmo assim, Zé tem o hábito de complementar a alimentação de seus peixes com crustáceos e artêmias, que ele mesmo cria.

Apesar de atualmente criar apenas *killies*, o aquarista já teve muitas outras espécies em seu repertório de criação, todas reproduzidas em diferentes perí-

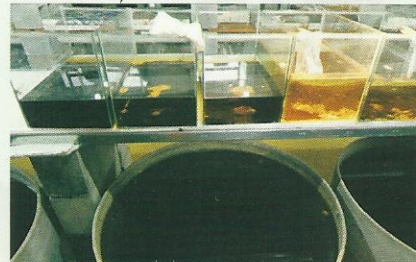
odos nunca de forma simultânea. Entre eles, estão os acará-discos, cuja criação já atingiu os 500 exemplares, os famosos betas, os lebistes, o acará-bandeira, entre outros. “Cada espécie exige um conhecimento diferente e isto que faz o hobby tão interessante e instigante. Não é comum um criador mudar tantas vezes de criação, mas, como busco sempre novos desafios, gosto de criar espécies diferentes”, completa. Segundo ele, o auge de um criador é o momento em que ocorre a reprodução dos peixes, já que toda a criação tem como objetivo final a reprodução. A explicação é simples: se o peixe se reproduz, significa que você conseguiu entender e simular no aquário as condições ideais da natureza para este fim. “Este momento é o orgasmo do aquarista”, brinca ele. Assim, a “graça” do hobby se constitui pelas dificuldades e barreiras que o hobbysta encontra ao tentar manter seu aquário ou criação, bem como no desafio que é desvendar e reproduzir os indicadores necessários para a sobrevivência de cada peixe.

Organização do hobby

Para que o hobby cresça e se popularize no Brasil, Zé coloca no debate uma questão primordial do aquarismo brasileiro: a falta de organização, que segundo ele acontece em diversos

sentidos. “Os próprios aquaristas não se organizam para fortalecer e incentivar o hobby. Isto acontece, em grande parte, porque temos uma grande dificuldade em aceitar hierarquias e incentivar lideranças no Brasil. Além disso, os próprios lojistas não sabem o que fazer para divulgar o hobby. O objetivo deles é claro: vender. Mas capacitar seus vendedores, fazer com que conheçam o hobby não é uma preocupação do lojista”, comenta.

Outro nível no qual esta desorganização age é o institucional, na medida em que o Ibama desconhece e não tem um órgão específico que lide com o comércio de animais voltados para o hobby. “Por via das dúvidas o Ibama sempre opta pelo não, que é mais fácil”, acrescenta. Ou seja, tanto os aquaristas quanto o Ibama desconhecem os porquês de cada atividade exercida, sendo praticamente impossível chegar a um consenso. “Isto acontece porque o Ibama fica preso em sua preocupação em preservar espécies e não trata o hobby como uma atividade de formação educacional”, finaliza.



Tonéis e aquários com criação de alimentos vivos para peixes: artêmias e crustáceos
 Foto: Samia Malas